



A REPÚBLICA DE FLORENÇA COMO A
SEGUNDA ROMA REPUBLICANA
NA *INVECTIVA IN ANTONIUM
LUSCHUM VICENTINUM*
DE LINO COLUCCIO SALUTATI

THE REPUBLIC OF FLORENCE AS THE SECOND
REPUBLICAN ROME IN THE *INVECTIVA IN ANTONIUM
LUSCHUM VICENTINUM* OF LINO COLUCCIO SALUTATI

Renato Ambrosio¹
Universidade Federal da Bahia

Resumo: Lino Coluccio Salutati, humanista e chanceler da República de Florença por mais de trinta anos, foi o primeiro humanista a ligar Florença à Roma republicana. Ele estabeleceu essa ligação não apenas como exercício de erudição humanística, mas, sobretudo, com objetivos políticos em um delicado momento da história e da política externa da sua república. Essa ligação estabelecida por Salutati é, ao mesmo tempo, fruto do restabelecimento dos estudos acerca da história, literatura e cultura da Antiguidade Clássica iniciado por Francesco Petrarca, de quem Salutati foi discípulo. Esse foi um dos momentos cruciais desse processo de restauração dos *studia humanitatis* que deixou marcas duradouras tanto nos estudos humanísticos como na história política da República de Florença e no pensamento político moderno.

Palavras-Chave: Humanismo; História; Florença; Roma; Política.

¹ ambrosio_renato@hotmail.com

Abstract: *Lino Coluccio Salutati, humanist and chancellor of the Republic of Florence for over thirty years, was the first humanist to link Florence to Republican Rome. While this link was made partly as an exercise in the humanistic erudition, it was made mainly for political purposes during a delicate moment in foreign politics in the Florentine Republic. The connection established by Salutati between Florence and Republican Rome is the result of the return to the study of history, literature and culture of classical antiquity started by Francesco Petrarch, of whom Salutati was a disciple. This connection was also one of the critical moments in the process of the restoration of studia humanitatis, which left a lasting mark not only in humanistic studies but also in the political history of the Florentine Republic and in modern political thought.*

Keywords: *Humanism; History; Florence; Rome; Politics.*

Em 16 de abril de 1375 Coluccio Salutati² se tornou chanceler da Comuna de Florença, posto que manteria até a sua morte, em 4 de maio de 1406. Como explica Garin:

Em Florença se designava como ‘chanceler’, por antonomásia, o *dettatore*, ou seja, um notário matriculado na corporação dos Juizes e Notários e que tinha função específica de cuidar da comunicação no âmbito da política exterior: ‘um funcionário que permanece o dia todo no Palácio, e que escreve todas as cartas e epístolas que são enviadas aos príncipes de todo mundo e também a todos os governantes e às pessoas privadas, em nome da cidade’³. Escrever cartas, que se destinam ao exterior, aparentemente, é obra de escrivães e de retóricos; na realidade, conforme a personalidade do chanceler, e o prestígio de que goza, este

² Lino Coluccio Salutati, filho de Piero di Coluccio nasceu em Stignano (atual Buggiano), em Valdinievole, no sudoeste da Província de Pistoia, na Itália, em 26 de fevereiro de 1331. Com apenas dois meses foi levado pela mãe para Bolonha, também na Itália, onde seu pai, ligado aos Guelfos, se encontrava exilado. Em Bolonha frequentou as aulas de gramática e retórica de Pietro da Muglio, amigo de Petrarca e Boccaccio. Em 1341 com a morte de seu pai, pôde continuar seus estudos graças à proteção di Giovanni Pepoli, e, por volta de 1346, começou a estudar notariado na Universidade de Bolonha. Casou-se em 1366 e em 1367 se tornou chanceler da Comuna de Todi, e passou logo a procurar uma melhor posição em Viterbo e Roma, dirigindo-se a Francesco Bruni e Giovanni Boccaccio. Dedicou-se à literatura, escreveu alguns poemas, à medida que se tornavam mais frequentes seus contatos com Petrarca, com Boccaccio e com Lapo da Castiglione. Foi chanceler dos Anciãos em Lucca de agosto de 1370 a julho de 1371. De Lucca voltou para Stignano e em 1374 foi para Florença, onde viria a se tornar chanceler. (Cf. Eugenio Garin. *Prosatori Latini del Quattrocento*. Milão/Nápoles: Riccardo Ricciardi Editore, 1952, p. 1-5; B. L. Ullman. *The Humanism of Coluccio Salutati*. Padova: Editrici Antenore, 1963, Capítulo 1; e Eugenio Garin. *Ciência e vida civil no Renascimento italiano*. São Paulo: Editora Unesp, 1996, p 21-55).

³ Goro Dati. *Ordine degli Uffici...* in A. F. Gori. *La Toscana Illustrata*, etc, v. I, Livorno, 1755, p. 181-188. Na mesma nota (n. 2), Garin cita F. P. Luiso. *Reforma della Cancelleria Fiorentina nel 1437*, Archivio Storico italiano, s. X, t. XXI, 1898, que, aludindo à presença de Salutati no *Ufficio dele Tratte*, escreve: “o chanceler não é mais o conhecedor que dita cartas; ele tem em mãos todo expediente das relações exteriores e, ainda, envolvido na burocracia do município, preside e anota os escrutínios e frequentemente as próprias eleições de todos os departamentos”.

acaba por desempenhar a delicadíssima função de Secretário de Estado permanente para negócios exteriores”. (Garin 1996: p. 22)

Salutati foi, segundo Garin, o primeiro, e talvez o maior, dos chanceleres humanistas e seu nome está intimamente ligado não somente à política florentina, mas também à vida cultural florentina e italiana em geral. Além de contar com a amizade de Petrarca, de Boccaccio e de Luigi Marsili, esteve no centro das reuniões literárias do *Paráiso dos Alberti* que aconteciam na Villa del Paradiso de Antonio degli Alberti, que constituíram uma das fontes do Humanismo. Defendeu os *studia humanitatis* contra o grande Giovanni Dominici, que escreve contra Salutati a *Lucula noctis*. Os seus contatos com Demétrio Cidonio e Manuel Crisolara, que por iniciativa sua foi para Florença ensinar grego, mostram a importância que Salutati teve no ressurgimento dos estudos gregos. Como nos diz Daniela De Rosa, ecoando, de certa maneira, o conceito de Humanismo cívico de Baron:

Naturalmente a estreita relação entre vida intelectual e política na sociedade florentina foi reforçada e exaltada quando para a direção da chancelaria foi chamado aquele que já muitos consideravam um dos principais humanistas italianos. A partir de então a chancelaria seria confiada somente aos mais notáveis humanistas, aos “príncipes do saber”, especialistas nos *studia humanitatis*. Leonardo Bruni, Poggio Bracciolini seriam sucessores de Coluccio no cargo, marcando-o com sua cultura clássica; enquanto o humanismo florentino, por sua vez, desenvolvendo-se em contato com a atividade civil e política, perderia o originário caráter cosmopolita, aspirado por Petrarca, para se tornar um elemento dinâmico do mito patriótico de Florença (Rosa, 1980: p. 90-91).

Por volta de 1399 (ou “muito próximo do início da guerra entre a República de Florença e o Ducado de Milão, em março de 1397”, segundo Baron, 1966: p. 91), Antonio Loschi (1368-1441), então chanceler do Ducado dos Visconti, escrevera uma breve *Invectiva in Florentinos* (*Invectiva contra os florentinos*), que é um opúsculo de propaganda a favor da política expansionista de Gian Galeazzo Visconti. Esse opúsculo deve ter chegado às mãos de Salutati dois ou três anos depois de seu aparecimento (Salutati. *Epistolario*, III, p. 635, nota 1) juntamente a uma carta de Pietro Turchi, na qual este último pedia que o chanceler escrevesse uma resposta. A resposta de Salutati a Loschi também foi escrita na forma de uma invectiva, a *Invectiva in Antonium Luschem Vicentinum* (*Invectiva Contra Antonio Loschi de Verona*), que ele mandou também

com uma carta enviada a Turchi em 1403⁴, na qual condenou violentamente a política dos Visconti e teceu louvores à *florentina libertas*. Em sua invectiva, Salutati apresentou literalmente os argumentos de Loschi que são discutidos um a um; parece não haver mais dúvidas que as citações de Salutati reproduzem de fato o escrito de Loschi (Fabbri: 2012, p. 308). A princípio, Salutati relutou em aceitar a tarefa de escrever sua resposta à invectiva contra os florentinos, na carta a Turchi ele escreve que estremecia ao pensar que Loschi, a quem Salutati dizia amar como a um filho, fosse o autor daquele escrito. E se, por fim, aceitou a tarefa de escrever a resposta à invectiva contra os florentinos, para não desertar da defesa de sua pátria, Salutati o faz fingindo não acreditar que o autor daquele escrito difamatório era Loschi, que conhecia bem Florença e a quem Salutati queria como um filho⁵. (Fabbri: 2012, p. 316). Essa relação de amizade entre mestre e discípulo também transparecerá na invectiva de Salutati contra Loschi.

A troca de invectivas entre Loschi e Salutati se insere na crise política e militar criada pela expansão do Ducado de Milão em direção ao sul empreendida por Gian Galeazzo Visconti. Ambas as invectivas fazem parte do proselitismo de seus respectivos *regimenti* (governos). É justamente nesse tipo de texto a respeito de questões concretas vividas por seus autores e os *regimenti* que representam, que se elaboravam e reelaboravam valores, conceitos e se dava uma nova conotação aos termos que os exprimiam. É por isso que no Capítulo 1, da segunda parte de seu livro *Medioevo e Rinascimento: studi e ricerche*, em que trata da prosa latina do século XV, Garin (1990: p. 103-107) aconselha a quem quer procurar páginas exemplares do grande século do Humanismo, idade – segundo ele – em que toda a atividade espiritual estava empenhada em construir uma república terrena, deve dirigir sua atenção não

⁴ Sobre a cronologia da *Invectiva contra Antonio Loschi*, ver Ullman, 1963: p. 33-34; Baron, 1966: p. 90-91 e nota 9; e também Cabrini, 2012: p. 258, nota 17, na qual ela compara as datações propostas por Ullman e Baron.

⁵ *Horrebam tamen Antonii Lusci nomen, quem scribebas in patriam illo scripto, tam mordaciter invexisse, quoniam ipsum ut filium diligo cupioque non patre inuria [...] et cum stilus satis arguat quod Luscius sit, tot tamen mendacia, quibus insultat, tot vitia, que suam non decent eruditionem, quibus invectio sua scatet, tot maledicta, quot excandescit, sed imperitia potius dissuaserunt, imo persuaserunt cum ipso michi non esse sermonem.* Eu estremeço, todavia, por trazer, quem escreve contra a pátria tão mordazmente com aquele escrito, o nome de Antonio Loschi, pois que a ele amo como um filho e não desejo a injúria para a minha pátria [...] e ainda que o estilo suficientemente manifesta que é Loschi, todavia tantas são as mentiras, com as quais insulta, tanto os vícios que não condizem com sua erudição, dos quais a sua invectiva abunda, que a sua imperícia mais depressa me dissuadiu e profundamente persuadiu que minha discussão não era com ele (*Epistolario*, III, p.637).

aos textos tradicionalmente considerados monumentos literários, mas às obras em que se manifestava todo empenho humano da nova civilização. Para Garin, entre essas obras se encontrariam:

Cartas, diálogos e tratados, orações e notas autobiográficas são os monumentos mais altos da literatura do século XV, e são tanto mais eficazes quanto menos o autor se fecha nas formas tradicionais, quanto mais se empenha no problema concreto que o preocupa, ou se acende de paixão política no discurso e na invectiva, ou se abandona na confissão e na carta (1990: p. 105).

É nesses tipos de texto citados por Garin que poderíamos incluir as invectivas de Loschi e Salutati. Ademais, para Garin, a revolução substancial do Humanismo está justamente baseada na “conversação civil”, e apresenta o diálogo, a conversação, também sob a forma de invectivas, como formas expressivas exemplares:

E se a carta deve ser considerada *uelut pars altera dialogi* (como uma parte do diálogo), a atenção concentra-se no diálogo [...] que reflete a vida de uma *respublica* humana, e traduz perfeitamente esta colaboração voltada a formar homens “nobres e livres”, que constitui a própria essência da *humanitas* renascentista [...] as notas biográficas de um lado, e o discurso público, a oração, de outro, aparecem como limites e prolongamentos das conversações. Os chanceleres florentinos, Salutati e Bruni, oferecem-nos exemplos importantes deste entrelaçamento entre literatura e política, desta prosa que faz da eficácia e força expressiva uma arma mais válida do que os soldados perfilados. (Garin, 1990: p. 108).

E por meio desses gêneros – cartas, diálogos e tratados, orações, notas autobiográficas – nos quais se entrelaçam política e literatura, que se dá a elaboração de valores que ajudaram a constituir as crenças dos grupos que representam o público desses gêneros de texto. E neles a retórica, na visão de Garin, tem um papel fundamental:

O homem que na linguagem celebra verdadeiramente a si mesmo [...] alcança toda a sua eficácia no mundo mediante a palavra persuasiva, mediante a “retórica” [aspas do autor], entendida em seu significado profundo de medicina da alma, senhora das paixões, educadora verdadeira dos homens, fundadora e destruidora de cidades. Tudo no século XV é, de fato, “retórica”, [...] “retórica” [aspas do autor] é humanidade, ou seja, espiritualidade, consciência, razão, discurso de homens, porque, verdadeiramente, o século do humanismo é o Quatrocentos, no qual tudo foi entendido *sub specie humanitatis*, e *humanitas* foi o colóquio humano, isto é, todo o reino das Musas, filhas de Mnemosine – que é o mais verdadeiro e o mais belo dos mitos. (1990: p. 109).

Vamos nos deter neste artigo na análise das passagens da *Invectiva in Antonium Luschum Vicentinum* que, ao refutarem algumas das críticas que Antonio Loschi apresenta em sua invectiva contra os florentinos, estabelecem, pela primeira vez na história do Humanismo, a fundação da cidade de Florença durante o período republicano de Roma, e a República de Florença como herdeira da *libertas* da Roma republicana, e defensora dessa liberdade na Itália da passagem do século XIV para o século XV.

Coluccio Salutati estrutura a sua invectiva contra Antonio Loschi de uma maneira muito interessante. A princípio, uma invectiva seria próxima à oração, ao discurso político e também à carta; de fato, essa invectiva, como vimos, foi enviada a Pietro Turchi como uma resposta à invectiva de Loschi contra os florentinos, que chegara a Salutati também por intermédio de Turchi, como se fosse uma troca de correspondência. Cada invectiva, portanto, assim como a carta, poderia ser entendida como uma das partes de um diálogo, na qual cada parte apresenta sua defesa e ataca o adversário.

No entanto, ao responder a Loschi, Salutati reforça o caráter epistolar de sua invectiva simulando nela uma espécie de diálogo, ao citar literalmente os argumentos de Loschi e respondê-los um a um. Ao incorporar a invectiva de seu adversário na sua invectiva, Salutati pode aproveitar-se dos argumentos de seu adversário para atacá-lo; e seria pouco provável que Salutati utilizasse esse recurso se não tivesse percebido a possibilidade de usar as próprias armas do inimigo em seu ataque a este.

A elaboração da República de Florença como a segunda Roma republicana já aparece na refutação por parte de Salutati da primeira acusação que Loschi apresenta contra os florentinos.

1. Não raiará nunca o dia, celerados, destruidores da pátria, ruína da paz italiana, no qual pagareis uma pena digna de vossas culpas e enfrentareis o merecido suplício? Não acontecerá nunca que, com o exemplo de vossa imensa calamidade, os vossos pares fiquem aterrorizados e sejam induzidos a temer na vossa ruína a sua ruína, de modo que a vossa desventura não pareça apenas justa vingança, mas também útil exemplo? Não chegará nunca o tempo em que os vossos artifícios sejam totalmente desvelados e frustrados, e, como nos artifícios está posta toda a vossa defesa, que os outros apareçam sábios e vós assim como sois: sumamente vãos e cegos?⁶

⁶ Os trechos da invectiva de Antonio Loschi contra os florentinos virão sempre numerados, e apresentados diretamente na versão portuguesa da tradução de Eugenio Garin. Nos

A resposta de Salutati a essa primeira acusação de Antonio Loschi aos florentinos é a seguinte.

O que significa afinal devastar a pátria senão arruiná-la? Ora, se atribuis isso à nossa pátria, deverias desejá-lo e não se lamentar disso. Se, por outro lado, entendes por pátria a Ligúria, a Flamínia e o Vêneto, oprimidos pelo jugo de teu senhor, entristece-te, te peço, e não lamentos, mas augura a ti e aos teus tais destruidores dos inimigos da pátria, e não lastimes por isso o resto da Itália. Há tanta gente na Ausônia não sujeita ao teu senhor que tem suas próprias fronteiras, que tem palavra e que sabe e pode decidir, qual senhor daquelas terras, qual povo se lamentou disso que tu nos imputas? Se subvertêssemos, como escreves, a paz da Itália, toda a Itália seria nossa inimiga. Como isso não acontece, como, em todos os lugares em que não chegou o domínio e o veneno da serpente devoradora do direito, os florentinos continuam a ser caríssimos pelo seu comércio, não fica claro que tudo que sustentas o afirmas contra a sólida evidência dos fatos, e por isso a ti convém o termo “artifícios” que atribuis aos florentinos, e o qual, penso eu, queres entender como fraude ocultada? Com efeito, tu não tentarias revelar tudo isso se não considerasses ocultos os enganos de tais artifícios. Mas quem te ensinou a criticar essas coisas nos inimigos? Quem vai procurar no inimigo se uma coisa é engano ou virtude? Diz-me, todavia, quando a República Florentina enganou teu senhor ou outro qualquer? Quando, a não ser contra os inimigos, ela tramou insídias? Nada te impede de ir ladrando todas essas coisas a respeito de quem quiseres. Mas não basta dizer, é necessário que tu proves o que escreves⁷.

O termo “pátria” nesse trecho da resposta de Loschi se refere inicialmente a Florença. Quando Salutati escreve “nossa pátria”, ele se refere a Florença. Se é a sua própria pátria que os florentinos estão devastando, isso é

limitamos a traduzir os trechos da invectiva de Salutati, apresentando os correspondentes textos originais em nota.

⁷ *Quid enim enin aliud est vastare patriam quam patriam exhaurire, ut, si de patria nostras sentias, optandum hoc esse tibi deceat, non dolendum? Si vero de Liguria, Flaminia Veneriaque, domini tui pressis iugo, forsan intellegis, doleas, obsecro, non reprehendas, optaque tibus tuisque partibus tales hostium patriae vastadores, nec reliquam ex hoc deplores Italiam. Habent tot Ausoniae gentes, quae tuo non subiacent domino, fines suos habent, et ora habent, et qui dicere noverint atque possint; et quis unquam illarum partium dominus aut populus hoc quod nobis imputas fuit conquestus? [...] Si pacem turbaremus Italiae, sicut scribis, totam haberemus Italiam inimicam; quod cum non sit, sed ubique qua iurivorae serpentis iugum venenumque non attigerit maneat habeanturque carissimi suis commerciis Florentini, nonne patet haec, quae iactas, te contra manentem rerum evidentiam comminisci, ut te deceat vocabulum illud “praestigia”, quod attribuis Florentinis, quod quidem occultam fraudem, ut arbitror, esse vis? Non enim detegenda tuis optares votis, nisi paraestigorum ludificationes sentire occultas. Sed quis te docuit hostibus haec obicere? Dolus an virtus, quis in hoste requirat? Dic tamen ubinam vel tuum dominum vel aliquem alium respublica florentina decepit? Quas te prohibet haec omnia de quibuscumque tibi placuerit delatrare. Non dicas, sed probes oportet, ista quae scribis [...] (Salutati, 1952: p. 12, 14). A palavra *preaestigum* indica em São Tomás de Aquino (*Summa Theologica*, II, 2. q. 95), obras mágicas, encantamentos. É disso que Salutati está falando (e, de certa forma, o que ele também está fazendo nesse trecho): de mágicas e encantamentos por meios das palavras. Desde Górgias, na antiga Grécia, já se conhecia e se usava o poder mágico e encantador do *lógos*.*

algo que Loschi, como inimigo dos florentinos, deveria desejar e não lamentar. E, nesse caso, nem caberia a Loschi determinar o que nos florentinos é artifício, engano ou virtude, pois os problemas internos de Florença e de seus cidadãos dizem respeito somente a eles. Mas o termo “pátria”, nesse trecho da resposta de Salutati, também significa a Itália, e nesse caso Salutati estabelece uma divisão geopolítica muito interessante.

De um lado a Ligúria, a Flamínia e o Vêneto, que era então a região do norte da Itália, além dos Apeninos, sob o domínio do Ducado de Milão. Também nesse caso Loschi deveria não lamentar, mas desejar que Florença destruísse essa pátria, isto é, o domínio de Milão sobre o norte da Itália, nas palavras de Salutati o “domínio e o veneno da serpente devoradora do direito” (no escudo do Ducado de Milão havia uma serpente devorando um homem). Do outro lado temos a *Ausonia*. Ausônia era o termo usado pelos escritores gregos do período helenístico para designar a Itália não grega e, posteriormente usado pelos poetas latinos e italianos para indicar, por metonímia, a Itália; mas que também foi usado para indicar a Itália meridional (Ovídio. *Metamorfoses*. XIV, 7 e XV, 647). E aqui, na invectiva de Salutati contra Loschi, a Ausônia, em oposição à Ligúria, a Flamínia e o Vêneto, indica a parte da Itália que não está sob o domínio dos Visconti. Essa parte da Itália “tem suas próprias fronteiras, tem palavra e tem homens que podem dizer o que querem”, que não estão sob “o veneno da serpente devoradora do direito”, e mesmo assim nunca se lamentaram dos florentinos, mesmo tendo a possibilidade e capacidade de fazê-lo.

Na continuação de sua invectiva contra os florentinos, em seu segundo argumento, Loschi traz para a discussão duas questões muito importantes para os florentinos, e que são justamente as questões que nos interessam neste artigo. Uma questão política, que diz respeito à liberdade e à sua defesa, e uma questão histórica acerca das origens romanas de Florença e a sua pretensão em ser a herdeira e a defensora da liberdade republicana romana na Itália.

2. Veremos, veremos a vossa famosa constância e força romanas ao defender uma liberdade torpe, ou melhor, uma cruelíssima tirania. Vós estais acostumados a vos orgulhar do nome romano e a vos declarar estirpe de Roma. Quão grande é a vossa impudência nisso se deverá dizer em um outro lugar.

Essas duas questões, que já aparecem relacionadas entre si na invectiva de Loschi, estão também intimamente ligadas na argumentação que Salutati desenvolve na sua resposta, e com ela cria uma nova imagem de Florença, de

sua história e de sua tradição republicana. Salutati responde primeiramente à questão posta por Loschi a respeito da “torpe liberdade” (*foedissima libertate*), que ele considera “uma cruelíssima tirania” (*crudelissima tyrannide*). Ele articula a sua resposta a esse segundo argumento de Loschi em três partes.

Na primeira parte ele afirma a importância da liberdade para os florentinos. A liberdade que os florentinos receberam dos romanos, eles estão dispostos, nas palavras de Salutati, a defendê-la com a mesma persistência do povo romano.

Veremos, dizes, e no entanto já tinhas visto, vês e verás a força e a constância mais do que romanas do povo florentino ao defender a dulcíssima liberdade, que, como já foi dito, é um bem celeste que supera todas as riquezas do mundo! Todos os florentinos mantêm firme na mente o propósito de defendê-la como se fosse a própria vida, aliás, mais do que a vida, com suas riquezas, e sua espada, para deixar aos filhos essa ótima herança que recebemos de nossos ancestrais, para deixá-la, com a ajuda de Deus, firme e incontaminada [...] ⁸

Na segunda parte de sua resposta, ele afirma a incompatibilidade entre a liberdade romana e florentina e os lombardos e seu servidor, Antonio Loschi:

Tanto nos agrada essa que chamas de torpe, ó mais tolo dos homens, essa liberdade que somente os que não a experimentaram, como tu, não a apreciam, não dão importância a ela e nem a conhecem; essa liberdade que somente os lombardos, não sei se por natureza, por hábito ou por ambos, não parecem nem amar, nem desejar. Mas somente tu consideras torpe e detestas este que é o maior dom de Deus; nem penso que nesse teu parecer encontrarás um companheiro sequer, até mesmo sob a senhoria de teu príncipe, tanto é natural o amor pela liberdade. Por isso me parece que, não por humildade, mas por culpa, podes, ou melhor, deves chamar-te servo dos servos. Mas por que te chamo servo, visto que sentes tanto prazer na tua servidão a ponto de não te envergonhar de chamar de torpe a liberdade e, o que é estupidez ainda maior, de não hesitar em considerá-la tirania cruelíssima? Estou certo que esse discurso fez rir, e há de fazer rir a todos, mas eu não pude tolerá-lo ⁹.

⁸ *Videbimus, inquis immo videras, vides atque videbis plusquam romanam fortitudinem atque constantiam populi florentini in defendenda dulcissima libertate, “quod caeleste bonum”, ut ille dixit, “praeterit orbis opes”;quam mens est omnibus Florentinis ut vitam, immo supra vitam, opibus ferroque defendere, nostrisque posteris hanc hereditatem optimam, quam a maioribus nostris accepimus, relinquere, Deo favente, solidam et immaculatam; [...]* (Salutati, 1952: p. 12, 14).

⁹ *[...] adeo placet nobis haec, quam foedissimam vocas, omnium hominum stultissime, libertatem, quam inexperti solus, qualis es, nec alicuius momenti faciunt, nec cognoscunt, quam solum Lombardorum genus, sive natura, sive consuetudine, sive forsitan utraque fiat, nec videntur diligere nec optare. Tu vero solus hoc summum divinitatis munus foedissimum reputas et abhorres, cuius sententiae non arbitror te socium invenire, etiam sub tui principis dominatus; adeo naturalis es diligere libertatem. Quo mihi videtur non humilitate sed vitio te posse servorum servum, immo debere rationabiliter appellare. Ser cur servum te voco, qui tam valde servitute delectaris tua, quod nou pudeat vocare foedissimam libertatem? Immo, quod stultius est, non es veritus eam tyrannidem crudelissimam*

Na terceira parte da resposta *Salutati* estabelece a oposição entre, de um lado, liberdade e lei; e, de outro, escravidão e tirania:

Por acaso terás conhecido alguma liberdade, na Itália ou em outro lugar, que seja mais livre e mais pura do que a liberdade florentina; que possa, não diria antepor-se, mas também comparar-se à nossa liberdade? E é tal, talvez, a tirania da qual és escravo, que ousas chamar tirania a liberdade florentina? Bem sei que é pesada, e semelhante à servidão, a liberdade guardiã das leis; e pesada e semelhante à servidão [é a liberdade] para a juventude desenfreada, que anseia correr de um lado para outro livremente sob a guia das paixões; de maneira que bem entendo como tu e teus semelhantes não somente não compreendeis o que é a liberdade, mas detestais seu nome e seu conceito como algo de horrível¹⁰.

A primeira pergunta do trecho acima, que à primeira vista parece ser apenas uma pergunta retórica (e na verdade também é), ganha aqui outro sentido, pois, como vimos, *Loschi* esteve em Florença em 1386 e conheceu *Salutati*. Apesar de não ter vivenciado a liberdade entre os lombardos, ele teve contato com ela durante sua estadia em Florença. Portanto, incompatibilidade com a liberdade não é somente dos lombardos (*genus lombardorum*), por natureza ou por hábito, ou talvez pelos dois (*sive natura, sive consuetudine, sive forsitan utraque*), mas é, sobretudo, do próprio *Loschi*, que em seu ódio à liberdade é mais radical que seus senhores, e por isso merece ser chamado de escravo dos escravos (*servorum servum*).

Nesta terceira parte de sua resposta ao segundo argumento de *Loschi*, *Salutati* faz também uma interessante aplicação daquilo que *Skinner* (2007: p. 309) denomina re-descrição paradiastólica¹¹. *Salutati* parte da ideia geralmente

appellare? Quod verbum cum omnes risum isse vel ire certus sim, ferre non potui. (*Salutati*, 1952: p. 14).

¹⁰ *Numquid aliquam nosti Numquid aliquam nosti vel in Italia vel alibi libertatem, quae sit Florentinorum libertate liberior aut integrior, vel quam nostrae libertati possis, ne comparare dixerim, anteferre? Talisne es tyrannis illa domini cui servis, quod tyrannidem audeas Florentinorum dicere libertatem? Scio quod gravis et instar servitutis est custos legum libertas, gravis et instar servitutis est effrenae iuventuti, que cupit suam libidinem evagari, quae passionibus ducitor atque vivit, ut te facile putem et tui similes, non solum non intelligere libertatem quid sit, sed rem et nomem, veluti tetrum aliquid, abhorrere.* (*Salutati*, 1952: p. 14, 16).

¹¹ Esse adjetivo é derivado de paradiástole, que é a figura retórica em que se usam palavras aparentemente de significados semelhantes, dando a entender que elas têm significados diferentes. Essa figura manifesta a inconveniência de considerar sinônimos dois termos determinados; a paradiástole seria, portanto, conforme essa definição, um fato linguístico. Paradiástole (em grego, παραδιαστολή), é definida por *Isidoro de Sevilha*, em seu *De Rethorica* da seguinte maneira: “Há paradiástole toda vez que separamos o que dizemos de sua definição: toda vez que em vez de astuto, te chamas sábio; em vez de inconsiderado, corajoso; no lugar de avaro, zeloso” (*Paradiastole est, quotiens id, quod dicimus, interpretatione*

aceita, e que ele em passagens anteriores nesta sua invectiva contra Loschi parece corroborar, de que a servidão à tirania é um peso, mas neste trecho, em relação a Loschi e aos lombardos, ele afirma o contrário: é a liberdade, guardiã das leis que pode parecer servidão. Assim como a tirania pode parecer uma servidão para quem, como os florentinos, está acostumado com a liberdade e a ama como seu maior bem, a liberdade pode parecer servidão para quem, como Loschi e os lombardos, estão acostumados à servidão da tirania, e para quem se deixa guiar pelas paixões.

É a partir, e no interior, dessa oposição entre liberdade e tirania, que Salutati apresenta a sua inédita imagem da República de Florença como filha e herdeira da Roma republicana, e defensora das liberdades republicanas na Itália. Ainda que presente nos cronistas florentinos anteriores a Salutati, como Matteo Villani, a evocação das origens romanas de Florença não tinha até então sido utilizada em cartas oficiais. E mesmo quando era evocada entre os cronistas anteriores a Salutati, o era como a *Vrbs orbis caput*, a capital do cristianismo, dos mártires e dos santos, não como a Roma de Cipião, o Africano. É com Salutati que ocorre uma mudança original significativa:

Agora, pela primeira vez, graças a um humanista, nas cartas públicas da Comuna se volta à história de Roma clássica e republicana como a um acontecimento paradigmático, do qual se deve extrair um ensinamento e uma advertência para a ação política, e a situação presente se projeta no passado lendário [...] (Rosa, 1980: p. 94).

Não é um acaso, portanto, que para justificar o seu argumento segundo o qual a liberdade pode parecer servidão para quem, como Loschi e seus senhores lombardos, está acostumado à servidão da tirania, Salutati recorra a uma narração de Tito Lívio a respeito do começo da República Romana.

Disso é testemunho Lívio, quando, no seu sólido estilo, lembra a traição tramada para restaurar os reis. “Havia”, escreve ele, “na juventude romana alguns adolescentes de alta condição que, sob os reis, tinham gozado de uma desenfreada licenciosidade, coetâneos e companheiros dos jovens tarquínios, habituados a viver conforme os hábitos régios. A igualdade dos direitos eles a consideravam abuso, e se lamentavam de que a liberdade dos outros se transformara na servidão deles”¹². Sobre essas, e sobre coisas semelhantes que aquele grande escritor

discernimus: cum te pro astuto sapientem appellas, pro inconsiderato fortem, pro inliberali diligentem. (Rhetores Latini Minores, p. 518, § 29).

¹² *Erant in Romana iuventute adulescentes aliquot, nec ii tenui loci orti, quorum in regno libido solutior, fuerat, aequales sodalesque adulescentium Tarquinorum adsueti more regio uiuere. Eam tum, aequato iure omnium, licentiam quaerentes, libertatem aliorum in suam uertisse seruitutem inter se conquerebantur. (Tito Lívio, II. 3. 2-3).*

escreveu, eu penso que tu, dada a curiosidade que os homens têm pelas coisas que desejam, tenhas longamente meditado contigo mesmo até considerar a liberdade, que é o mais doce dos bens, uma tirania cruelíssima, chegando a chamar um bem tão grande, do qual nada pode haver de mais belo, coisa sumamente torpe. A tolice e a falsidade de tudo isso eu deixaria a ti mesmo julgar, se tu representasses um só homem; sou, ao contrário, obrigado a mostrá-la a todos os leitores¹³.

Salutati cita aqui um trecho do livro II da *História de Roma Desde a sua Fundação*, de Tito Lívio. Nesse segundo livro de sua obra, Lívio aborda o final do reinado de Tarquínio, o Soberbo, quando o povo romano se torna livre, descreve as suas magistraturas anuais e o poder das leis entre os romanos no início da república, que era mais forte do que o poder dos homens (II. 1). É o tema da liberdade que domina todo o segundo livro. E como já havia observado Cícero (*Pro Cluentio*, 146) a liberdade é possível somente sob o domínio das leis. Mas a Salutati parece que Loschi, ao refletir sobre essas coisas, chegou à conclusão contrária à de Lívio, e Salutati, a uma conclusão mais próxima àquela da juventude romana contemporânea e companheira dos jovens tarquínios, filhos do último rei de Roma: que a servidão à tirania de um só é liberdade; e a igualdade de direito, a liberdade sob o império das leis e das magistraturas, é servidão. E como Loschi nega a origem romana dos florentinos, Salutati, neste ponto de sua invectiva, introduz uma importante digressão sobre a história de Florença e da sua descendência romana.

Mas como me parece que tu negas que os florentinos sejam de estirpe romana, diz-me, te peço, onde encontrastes o contrário? Por que não quer nos conceder o que toda a Itália, exceto tu, nos concede; que ninguém mais, a não ser tu, horrível fera, contestou; que a cidade de Roma e os príncipes de Roma não negaram nunca, em tempo algum, uma vez que nos consideram e nos chamam filhos, carne da sua carne, ossos de seus ossos, para a honra e glória singulares de seu próprio nome? E para que tu também tenhas vergonha por ter, com grande estultícia, colocado tudo isso em dúvida, quero dizer o que penso da origem de tão grande cidade, corroborando-o com os autores que poderei aduzir, assim, já que te reservastes o direito de expor em outro lugar a nossa impudência de nos proclamar de origem

¹³ *Cui rei testis est Livius, cum prodicionem de reducentis regibus solido illo stylo suo referret: "Erant", inquit, "in romana iuventue adulescentes aliquot, nec hi tenui loco orti, quorum in regno libido solutior fuerat, aequales sodalesque adolescentium Tarquinorum, more regio vivere adsueti; eam tum aequati iure omnium licentiam quaerentes, libertatem aliorum in suam vertisse servitutem conquerebantur". Haec et alia, quae tantus auctor scripsit, puto te, sicut sunt ingenia mortalium ad ea quae desiderant curiosa, suntque proclivia, tecum iugiter meditarim cogitantemque talia te rerum dulcissima libertatem crudelissima tyrannidem ducere taleque tantumque bonum, quo nihil, pulchrius esse potest, rem foedissimam appellare; que quam inepte quamque contra veritatem dicta sint tibimet relinquerem, si te tantum hominem gereres iudicatum; cunctis tamen ista legentibus exhibeo derimenda.* (Salutati, 1952: p. 16).

romana, eu retirarei de ti, desde agora, a possibilidade de delirar e te oferecerei a ocasião de compreender corretamente¹⁴.

Comparando a dificuldade de se narrarem acontecimentos tão antigos com a fundação de Florença e Roma, *Salutati* começa apresentando indícios materiais da fundação de Florença pelos romanos, em seu período republicano, a partir da arquitetura e dos monumentos da cidade, em uma espécie de “pesquisa arqueológica”, que também reaparecerá em outras obras de humanistas florentinos, no *Elogio à cidade de Florença* e as *Histórias* de Leonardo Bruni Aretino, um dos discípulos de *Salutati*.

Que esta nossa cidade teve fundadores romanos se infere de fortíssimas conjeturas, visto que é viva uma tradição, que se tornou incerta por sua idade, que a cidade de Florença foi obra romana. Na cidade [de Florença] há um Capitólio, e junto ao Capitólio o Fórum; há o Parlascio¹⁵ ou circo, há um lugar chamado Termas; há o bairro de Párion e um lugar chamado Capácia; há um templo, outrora famoso, de Marte, que os pagãos consideravam fundador da estirpe romana, e tal templo não é em estilo grego ou etrusco, mas completamente romano. E acrescentarei ainda outro sinal da nossa origem, que não mais existe agora, mas que existia até a terceira parte do século XIV depois da encarnação do mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo. Junto à Ponte, que é chamada de Velha, havia uma estátua equestre de Marte, que o povo conservava em memória da estirpe romana, e que a violência das águas levou embora juntamente com três pontes há setenta anos, um dia antes das nonas¹⁶ de novembro, e ainda hoje vivem muitos que a viram. Existem ainda os arcos e os vestígios do aqueduto feito conforme o costume de nossos pais, que mediante tais construções traziam água doce para o uso de todos. Se existem todas essas coisas romanas, se os nomes são romanos, e imitam os costumes romanos, que ousaria dizer, diante desses vestígios de tão célebre fama, que os autores de tudo isso não foram os romanos? Há ainda as torres redondas, as defesas das portas agora unidas à casa episcopal, e são tais que quem viu Roma não somente suporá, mas jurará que são romanas, e

¹⁴ *Verum cum negare videaris Florentinos genus esse romanum, dic, precor, ubinam contrarium repperisti? Cur nobis invides quod, praeter te solum, tota consentiti Italia, quod nullus unquam, nisi tu, terrima belua, contradixit quod urbs Roma romanique principes nullis unquam temporibus negaverunt, sed nos filios, carnem ex carne sua et ossa ex ossibus suis etiam in singularem sui nominis honorem et gloriam reputant atque vocant? Quoque te pudeat hoc in dubitationem stultissime revocasse, volo referre quid sententiam de tantae civitatis origine, et his auctoribus quos adducere potero confirmare ut, postquam alio tibi dicendum loco reservasti quam impudenter praedicimus nos genus esse romanum, et auferam tibi delirandi materiam et occasionem exhibeam rectius sentidendi* (*Salutati*, 1952: p. 16).

¹⁵ Era o anfiteatro em Florença no qual se realizavam as assembleias.

¹⁶ No calendário romano, era o nono dia antes dos idos, isto é, o dia 5 de cada mês, exceto dos meses de março, maio, julho e outubro, nos quais correspondia ao dia 7.

não somente pelo material, que é o mesmo do qual foram feitos os muros de Roma, tijolos avermelhados, mas também pela forma¹⁷.

Esses são vestígios materiais da origem romana, alguns deles já presentes na *Nuova Cronica* de Giovanni Villani. Mas ao descrever o templo de Marte, Salutati afirma que esse templo não era “em estilo grego ou etrusco (*tusco*), mas completamente romano”. Aqui, ainda que apenas mencionado de passagem, se encontram outros “pais”, além dos romanos, de Florença e de seu republicanismo: os etruscos. Mas os vestígios das origens romanas de Florença encontram também, continua Salutati, respaldo nas obras de autores romanos. A fonte agora é Salústio, mais precisamente a *Guerra de Catilina*, 28. 4, em que já aparece a menção às colônias fundadas por Sila como defesa contra os fiesolanos.

Não há porque se surpreender, portanto, se por meio de tantos elementos confirmados, permaneceu constante e inextinguível a tradição segundo a qual nossa cidade foi uma construção romana contra os fiesolanos. Destes, de fato, e de sua inimizade e hostilidade em relação aos romanos, é documento claríssimo o que lemos a propósito da guerra civil, na qual Fiesole e alguns outros vilarejos foram destruídos; assim, evidentemente é suprema estupidez colocar em dúvida que Florença foi uma obra romana. Em Salústio, historiador veracíssimo, se lê que Catilina mandou na frente para o território de Fiesole um certo Caio Mânlio para reunir um exército sublevando na Etrúria a plebe, “descontente pela pobreza e ávido por algo novo por causa da dor das ofensas que padeceu, tendo perdido, sob o domínio de Sila, os campos e todos os bens. E assim, recolhendo bandidos de toda espécie, dos quais havia grande quantidade na região, e também alguns

¹⁷ *Quod autem haec urbs romanos habuerit auctores, urgentissimis colligitur coniecturis, stante siquidem fama, quae fit obscurior annis, urbem florentinam opus fuisse romanum. Sunt in hac civitate Capitolium, et iuxta Capitolium Forum; est Parlasium sive Circus, est et locus qui Thermae dicitur, est et regio Parionis, est et locus quem Capaciam vocant, est et templum olim Martis insigne quem gentilitas romani generis volebat auctorem; et templum non graeco, non tusco more factum, sed plane romano. Unum adiungam, licet nunc non extet, aliud originis nostrae signum, quod usque ad tertiam partem quartidecimi saeculi post incarnationem mediatoris Dei et hominum Iesu Chirsti, apud Pontem qui Vetus dicitur, erat equestris statua Martis, quam in memoriam romani generis iste populus reservabat, quam una cum pontibus tribus rapuit vis aquarum, annis ima completis pridie Nonas Novembrias septuaginta; quam quidem vivunt adhuc plurimi qui viderunt. Restant Restant adhuc arcus aquaeductusque vestigia, more parentum nostrum, qui talis fabricae machinamentis dulces aquas ad usum omnium deducebant. Quae cum omnia romanae sint res, romana nomina, romanique moris imitatio, quis audeat dicere, tam celebris famae stante praesidio, rerum talium auctores alios fuisse quam Romanos? Extant adhuc rotundae turres et portarum monimenta que nunc Episcopatuui conexa sunt, quae qui Romam viderit non videbit solum, sed iurabit esse romana, non solum qualia sunt Romae moenia, latericia coctilique materia, sed et forma. (Salutati, 1952: p. 18, 20). Quanto aos os muros de Roma, construídos de tijolos avermelhados, ver Giovanni Villani. *Nuova Cronica*, II.1: *Igneo Pompeo fece fare le mura della città di mattoni cotti, e sopra i muri della città edificò torri ritonde molto spesse [...]*.*

das colônias fundadas por Sila, cujo descomedimento havia dilapidado completamente os frutos de grandes roubos, reuniu um grande exército...”¹⁸.

Salutati fundamenta essa nova versão a respeito da descendência romana e republicana de Florença (*Florentinos esse genus Romanum*) nessa informação fornecida de Salústio sobre a fundação de Florença pelos veteranos de Sila, modificando assim tanto no campo metodológico (a seleção e uso das fontes, materiais e documentais), como no campo de conteúdo, abandonando a versão da fundação cesariana, na qual Florença era vista como uma “pequena Roma”, para estabelecer a ideia de hereditariedade e laços ideológicos estreitos como a Roma republicana, fazendo de Florença uma “outra Roma” republicana. E essa nova relação entre Florença e Roma se dá por meio da defesa da liberdade.

É, sobretudo, no tema da liberdade que é abertamente declarada a identidade com os romanos. O contexto, bastante especioso, diz respeito aos súditos do domínio [florentino], definidos como aquela parte do povo florentino que está fora dos muros, “nas cidades ou nos campos” (Cabrimi, 2012: p. 261 e 264).

O tema da liberdade em relação aos súditos florentinos aparece na invectiva de Salutati contra Loschi também por meio da oposição entre guelfos e guibelinos. Gian Galeazzo Visconti havia reafirmado as suas ligações com o Sacro Império Romano Germânico, do qual obteve, em 11 de maio de 1395, a dignidade ducal e, em 30 de março de 1397, o título de duque da Lombardia. Por isso Salutati associa a ausência da liberdade e a tirania ao campo guibellino, associado ao Império Romano, que a muitos oprime, e a esperança de liberdade para todos à facção guelfa:

Eu sei que a multidão dos guelfos italianos que há na Itália não somente ouve com alegria o nome florentino, mas o adora e lhe deseja vitória e felicidade. Não somente deseja, mas é o que espera para o povo de Florença, comandante dessa santíssima liga, seu esteio e seu líder. E assim esperam ardentemente, sobretudo, aqueles que a crueldade da facção guibestina oprime, como os tantíssimos que

¹⁸ *Nom mirum ergo, si tot adstipulantibus rebus, constans et inextinguibilis fama est, urbem nostram opificium esse romanum oppositum Faesulanis, quos romanis fuisse contrarios et aduersos clarissimum facit quod sociali bello legamus Faesulas et alia quaedam oppida fuisse deleta; ut romanum opus esse Florentinam plane sit stultissimum dubitare. Legitur enim apud Sallustium, certissime veritatis historicum, L. Carilinam quendam C. Manlium praemisisse Faesulas ad exercitum comparandum, qui sollicitans in Etruria plebem “egestate simul et dolore iniuriae novarum rerum cupidam, quod Syllae dominatione agros bonaque omnia amiserat; praetera latrones cuiusque generis, quorum in ea regione magna copia erat; nonnullos etiam ex syllanis colonis quibus libido atque luxuria ex magnis rapinis nihil reliqui fecerante, magnum paravit exercitum [...]” (Salutati, 1952: p. 20).*

estão submetidos ao jugo de teu senhor. Os guibelinos, que estão sujeitos a um jugo tirânico, se não forem loucos, certamente prefeririam ser libertados com a ajuda guibulina; mas se isso não fosse possível, desejariam ser livres mesmo que pela mão guelfa¹⁹.

O terceiro argumento de Loschi na sua *Invectiva Contra Florentinos* é um ataque que poderia produzir efeitos, durante o conflito entre Florença e o Ducado de Milão, não tanto na cidade de Florença, mas entre os súditos de outras cidades dos domínios florentinos, que poderiam vir a temer a supremacia florentina (Cabrini, 2012: 260), e que em parte já foi respondido por Salutati:

3. Omitirei os outros inimigos vossos, aos quais parece que tarda vos ver precipitar da atalaia ensanguentada da vossa soberba. Mas eis que contra a vossa perfídia se move um exército com tais armas, com tais soldados, com estes comandantes, muitíssimo mais potente do que vossa potência, da qual, contudo, ainda vos vangloriais tanto, que a vossa arrogância não pode mais ser tolerada. E [esse exército] vem terrível contra vós, vem não tanto enviado com ardor quanto desejado e esperado pelos vossos, se vossos devem ser chamados aqueles cujos bens e cujos corpos vós tendes sob vosso cruel e avaro domínio, mas cujas almas absolutamente não possuís. Eles esperam que esse exército, defensor da liberdade deles, vos reduza à servidão e lhes recupere finalmente a antiga dignidade, arrancada por vós, que eles pranteiam. Por isso, todos esses povos que sufocais sob crudelíssima tirania esperam essas armas, de modo que, colhendo o tempo e a ocasião, possam sacudir o jugo daquela escravidão sob a qual nada para eles é agradável. De fato, o que pode parecer deleitoso a quem miseravelmente serve, àqueles para os quais as grandes e admiráveis fortunas que costumam trazer sumo prazer ou lhes são arrancadas com grande dor, ou são fonte de eterno medo? O que há de mais doce da esposa e dos filhos? E todavia que ternura deles pode obter quem vê as suas próprias bodas à mercê do arbítrio alheio, e os filhos gerados para o descomedimento alheio? A pátria, que para todos deve ser fonte de alegria, traz infinita tristeza e opressão, reduzida como está à escravidão, enquanto nela não só não se eleva nenhuma voz livre, mas nem mesmo os pensamentos permanecem livres. Sofrer essas coisas vindas de um só é penoso, mais penoso ainda é sofrê-las vindas de muitos, e mais penoso ainda é sofrê-las vindas de quem superou a perfídia de todos os tiranos ao alcance da memória humana com sua própria avidez, descomedimento e crueldade. Por isso aqueles que vós oprimis em condições tão infames de vida, sob o jugo de uma insuportável escravidão, todos estão alertas, observam, espiam o momento oportuno para voltar à liberdade, de tal maneira que é difícil dizer quanta esperança suscitou neles a vinda desse exército. Uma inestimável e incrível

¹⁹ *Scio quod Guelforum, quos habet Italia, multitudo populum florentinum huius sanctissimae conblutinationis caput, columen atque principem, et hi vehementius quos gebellinae factionis crudelitas premit, quales infiniti sunt, qui tuo domino subiacent, non solum gratulaneter florentinum nomen audiunt, sed adorant, sed victoriam et felicitatem eius cupiunt, nec solum cupiunt, sed expectant. Gebellini vero, nisis desepiant, qui tyrannico iugo subiacent, gebellino quidem favore mallent, sed si non detur, etiam Guelforum manibus eligerent liberari.* (Salutati, 1952: p. 24).

animação os invadiu, e já creem ter alcançado aquela liberdade de cuja posse já desesperavam.

Neste argumento, depois de ter ele descrito a miserável situação dos povos que se encontram sob a odiosa tirania dos florentinos, Loschi faz uma interessante observação: “Sofrer essas coisas vindas de um só é penoso, mais penoso ainda é sofrê-las vindas de muitos”. Portanto, para ele é a pior espécie de “crudelíssima tirania”, a mais difícil de suportar, é a tirania que provém de muitos, como é, segundo ele, a tirania imposta por Florença aos povos a ela submetidos.

Salutati começa a sua réplica à Loschi com uma série de perguntas, que novamente estabelecem uma oposição entre liberdade e tirania.

Os súditos dos florentinos, que a nossa cidade estabeleceu e organizou ou que arrancou das mãos dos tiranos e acolheu são sufocados pela tirania e espoliados de sua antiga dignidade? Eles que, ou nasceram conosco na liberdade, ou foram trazidos por nós das tristíssimas angústias da servidão para o deleite da liberdade? Como podem desejar sacudir o jugo que não têm? Ou como podem desejar mudar do brando freio da liberdade, que é viver segundo o direito e conforme a lei, aos quais todos estão submetidos, para o jugo tirânico do teu senhor, como tu simulas julgar?²⁰

Nessas perguntas já aparece um primeiro esboço da natureza da liberdade da qual gozam os súditos de Florença, segundo Salutati: “viver segundo o direito e conforme a lei”. Uma liberdade que, nas palavras de Cícero, é grata até aos deuses (“àquele Deus supremo nada é mais agradável na terra do que as reuniões e as sociedades humanas ligadas pelo direito, que se chamam cidades”²¹). A essa liberdade Salutati contrapõe o domínio tirânico dos senhores de Loschi, os Visconti, e impõe a condenação a esse domínio com as palavras de Sêneca:

“[...] como testemunha o trágico, ‘não se pode sacrificar a Júpiter uma vítima maior e mais copiosa do que um rei iníquo’. Mostro o que se pode temer ou

²⁰ *Tyrannide ne suffocantur aut dignitate pristina spoliati sunt Florentinorum subditi, quos vel urbs nostra constituit atque fecit, vel tyrannorum manibus eruti aut recepit? Qui sunt vel nobiscum in libertate nati, vel miserrimae servitutis angustiis in dulcedinem libertatis adsciti? Num iugum excutere cupiunt, quod non habent, vel duce libertatis frenum, quod est iure vivere legibusque, quibus omnes subiacent, oboedire, desiderant in tyrannicum domini tui iugum,, ut arbitrari te simulas, commutare?* (Salutati, 1952: p. 30, 32).

²¹ Salutati está citando aqui (1952: p. 26) um trecho do Livro VI do *De Republica*, de Cícero, também conhecido com o título de *O Sonho de Cipião*. O trecho original é o seguinte: [...] *nihil est enim illi principi deo, qui omnem mundum regit, quod quidem in terris fiat, acceptius quam concilia coetusque hominum iure sociati, quae civitates appellantur; harum rectores et conservatores hinc profecti huc revertuntur* (Cicero, 1994, VI, 3, p. 164-165).

esperar do teu senhor e de nós, para que seja julgado, não por ti, que nada entendes, mas por todos que julgam corretamente²².

Mas a servidão agrada tanto aos milaneses, que eles já perderam a capacidade de discernir entre liberdade e servidão, e por isso são incapazes de imaginar como vivem os súditos de Florença fora dos muros da cidade.

Mas vejo por ti, e estou firmemente convencido, que vós vos deleitais tanto com a servidão que não podeis mais viver sem um patrão, a ponto de não saber permanecer na aberta doçura da liberdade. Obedecer às leis, que regulam todos com a justíssima medida da igualdade é, para vós, um jugo pesado e uma horrível escravidão; ao contrário, obedecer a um tirano, que governa tudo segundo o arbítrio de sua própria vontade é, para vós, uma suma liberdade e uma inestimável dignidade. Por isso tu pensas que a parte do povo florentino que fora dos muros de nossas cidades vive nos municípios e nos campos, e cuja liberdade tu nem mesmo imaginas, deseja, no lugar da submissão à nossa cidade, a escravidão sob o vosso patrão²³.

Portanto, a liberdade do “viver segundo a lei e conforme o direito” traz consigo a certeza da “justíssima medida da igualdade” para todos. Mas semelhantemente aos jovens etruscos companheiros dos filhos dos tarquínios, dos quais nos falou Tito Lívio no livro II de sua *História...*, para Loschi essa liberdade é um “jugo pesado e uma horrível escravidão”, enquanto obedecer a um tirano que governa a todos conforme sua vontade e arbítrio é uma grande liberdade e inestimável honra. De novo aqui temos o recurso à técnica da re-descrição paradiastólica. E essa técnica explora mais do que uma troca verbal e semântica entre tirania e liberdade. Salutati e Loschi sabem muito bem que tirania não é liberdade (e liberdade não é tirania). Parafraseando Quintiliano (VIII, 6, 36), nenhum deles considera que “liberdade” e “tirania” significam a mesma coisa, mas o que acontece é que cada um deles diz que sua cidade, na sua ação política e militar, defende a liberdade, o direito e o viver conforme a

²² [...] ‘*ut testatur Tragicus, victima haud nulla amplior potest magis opima mactari Iovi quam rex iniquus*’. *Quid domino tuo quidque nobis potest meuti aut sperari, non tibi, qui non capis, sed omnibus recte sentintibus exhibeo iudicandum*. (Salutati: 1952: p. 26). A citação de Sêneca é da tragédia *Hercules furens*, vv. 922-944).

²³ *Sed ex te video, mihi que firmiter persuasi, vos adeo servitute delectari, quod non possitis sine domino vivere, nec sciretis in libertatis licentiosa dulcedine permanere. Legibus obsequi, quae cunctos aequalitatis iustissima ratione respiciunt, grave vobis iugum et horrenda servitus est; oboedire vero tyranno, qui cuncta pro suae voluntatis moderatur arbitrio, summa vobis est libertas et inestimabilis dignitas; et ob id putas illam Populi Florentini partem, quae degit extra nostrae civitatis moenia vel in municipiis, vel in agris, quos nescis quanta libertate fruuntur, appetere quia subditi sunt urbi nostrae, sub vestro domino servitutum*. (Salutati: 1952: p. 32).

lei; e cada um deles diz que a cidade do outro, sua ação política e militar, defende a servidão, a tirania e o arbítrio.

Na verdade, ambos se utilizam nas suas invectivas da técnica que Skinner denominou de re-descrição paradiastólica, pois ambos defendem e atacam perspectivas opostas. Loschi defende o governo de um, príncipe ou tirano, contra o governo dos muitos. Enquanto Salutati, como um cidadão da República de Florença, herdeira e defensora da *libertas* da Roma republicana, defende a liberdade, o direito e a igualdade de todos sob governo das leis. E é por meio da defesa da liberdade que Salutati quer ligar a história de Florença à história da Roma republicana, e torná-la herdeira da Roma republicana que ele conhecia por meio dos historiadores romanos como Tito Lívio e Salústio. É dessa liberdade que os cidadãos de Florença, não importa a origem de sua cidadania, gozam, e da qual não querem abrir mão.

Tanta loucura e estultice estão longe, e peço que longe permaneçam, daqueles cuja glória singular é poder chamar-se florentino, sendo [eles] nossos [cidadãos] por nascimento, por lei ou por dom da fortuna. O que, com efeito, significa ser florentino senão ser por natureza e por lei cidadão romano e, conseqüentemente, livre e não escravo? Na verdade, é próprio da nação e do sangue romanos aquele dom divino que se chama liberdade; e tanto é sua propriedade que quem deixa de ser livre não pode razoavelmente ser chamado cidadão romano, e nem florentino. Esse dom, esse nome glorioso, quem vai querer perder, exceto aqueles aos quais não importa de livres tornarem-se escravos?²⁴

Salutati liga assim os cidadãos florentinos aos cidadãos da Roma republicana por natureza, porque Florença descende da Roma republicana, pois foi fundada por ela; e por lei, porque assim como a Roma republicana Florença é uma república livre de toda tirania, porque suas magistraturas eleitas anualmente e porque nela há igualdade entre todos os cidadãos sob o domínio da lei. É a liberdade que, para Salutati, se torna pré-requisito para a cidadania romana e florentina: “quem deixa de ser livre não pode razoavelmente ser chamado cidadão romano, e nem florentino”. E todos aqueles que têm a glória de poder chamar-se florentino, todos aqueles que estão sob o domínio florentino, não importa por qual meio (nascimento, lei ou

²⁴ *Abest et absit, oro, tantus furor tantaque dementia ab eis, quorum gloria singularis sit, vel natavitate, vel lege, vel incremento donoque fortunae quod, quoniam nostri sint, se possint dicere Florentinos. Quid enim est Florentinum esse, nisi tam natura quam lege civem esse romanum, et per consequens liberum et non servum? Proprium enim est romanae nationis et sanguinis, divinitatis munus quod libertas dicitur, et adeo proprium, quod qui desierit esse liber, nec romanus civis, nec etiam florentinos rationabiliter dici possunt. Quod donum queve gloriosa nomina quis velit amittere, nisi qui nihil curat de libero servus esse [...].* (Salutati: 1952: p. 32).

fortuna), são livres porque são florentinos, e deixarão de ser livres, e se tornarão escravos sob o domínio dos Visconti.

Skinner (1999a: p. 46, nota 153) assinala como Tito Lívio, quando fala dos modos pelos quais os Estados perdem sua liberdade, sempre iguala esse perigo àquele da queda na escravidão. Da mesma forma que Salutati na sua invectiva contra Antonio Loschi, e sobretudo neste trecho de sua invectiva que acabamos de analisar. Nessa mesma obra Skinner (1999a: p. 47) nota que James Harrington²⁵, em seu livro *Oceana*, recuperou e difundiu essa noção da liberdade antiga que aparece em Tito Lívio: a da posse da *libertas* como capacidade de “manter-se em pé por suas próprias forças, sem depender de uma vontade alheia” (*suis stat uiribus, non ex alieno arbitrio pendet*, XXXV. 32. 11); e Skinner também nota que Maquiavel, por sua vez, também recuperou e transmitiu essa mesma noção na sua leitura de Lívio e legou ao mundo moderno. E nós podemos afirmar aqui que um pouco antes de Maquiavel, Coluccio Salutati já tinha dado o primeiro passo, ou talvez o segundo (se pensarmos em Petrarca, responsável pela primeira edição crítica da obra de Lívio, Mann, 1993: p.28), no sentido de devolver para os modernos essa noção antiga de liberdade presente na obra de Tito Lívio²⁶.

REFERÊNCIAS

A) Fontes Primárias

COLUCCIO SALUTATI. *Epistolario*, a cura di F. Novati, I-V. Roma: Istituto Storico Italiano, 1891-1911.

²⁵ James Harrington (1611-1677), pensador inglês, considerado um “teórico político do republicanismo clássico”. É lembrado sobretudo por seu livro *Oceana* (*The Commonwealth of Oceana*) publicado em 1656, expressamente dedicado a Cromwell. O livro, portanto, foi escrito com o claro propósito de fornecer um modelo republicano para o seu país, no curto espaço de tempo em que a instauração da república na Inglaterra foi um empreendimento concreto – não muito depois de sua publicação, com a morte de Cromwell (1658), a monarquia seria restaurada (1660, Charles II) e Harrington preso.

²⁶ Talvez não seja um acaso que essa mesma passagem de Tito Lívio citado por Salutati, aparece no Livro I dos *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, de Maquiavel. No Capítulo 16 (“Um povo, acostumado a viver sob um príncipe, se por algum acidente se torna livre, com dificuldade mantém a liberdade”), quando ele trata dos motivos pelos quais os filhos de Lúcio Júnio Bruto, considerado o fundador da República e um dos primeiros cônsules de Roma, teriam se envolvido em uma conspiração contra a nascente república, Maquiavel escreve: [...] *os quais, como a história mostra, só foram induzidos, juntamente com outros jovens romanos, a conjurar contra a pátria porque não podiam se aproveitar extraordinariamente sob os cônsules como sob os reis; de modo que a liberdade daquele povo parecia que se tinha tornado a escravidão daqueles jovens* (I. 16. 4).

-
- _____. *Invectiva in Antonium Luschem Vicentinum*. In Eugenio Garin. *Prosatori latini del Quattrocento*. Milão-Nápoles: Riccardo Ricciardi Editore, 1952.
- FRANCESCO PETRARCA. *Opere*.(org.) de Emilio Bigi. Segunda Parte. Milão: Editoriale Vita, 1980.
- GIOVANNI VILLANI. *Nuova Cronica*. Fondazione Pietro Bembo / Ugo Guanda. Biblioteca di scrittori italiani Editore: Parma, 1991.
- LEONARDO BRUNI ARETINO. *Humanistisch-Philosophische Schriften. Mit einer chronologie seiner were und Briefe*. Herausgegeben und erläutert von Dr. Hans Baron. Teubner: Leipzig-Berlin, 1928.
- _____. *Opere Letterarie e Politiche*. [org. Paolo Viti]. Torino: UTET, 1996.
- _____. *Istoria Fiorentina di Leonardo Bruni Aretino; tradotta in volgare da Donato Acciajuoli; premessovi um discorso su Leonardo Bruni aretino per C. Monzani*. Firenze: F. Le Monnier, 1861. In www.liberliber.it
- M. TULLIO CICERO. *Dello Stato*. Milão: Mondadori Editori, 1994.
- _____. *Dos Deveres* [tradução do latim de Angélica Chiappetta]. São Paulo: Martins Fontes, 1999t
- NICCOLÓ MACHIAVELLI *Discorsi sopra la prima deca di Tito Livio*. Seguite da *Considerazioni intorno ai Discorsi di Machiavelli di Francesco Guicciardini*. (org.) Corrado Vivanti. Turim. Giulio Einaudi Editore, 2000.
- QUINTILIANO. *Istituzione oratoria. Volume III, libri VII-IX*. Milão: Mondadori Editori, 1999.
- Rhetores Latini Minores. Ex codicibus maximam partem primum adhibitis*. Emendabato Carolus Halm. Lipsiae, in Aedibus B.G. Teubneri, 1863 [Reimpresso em Dubuque, Iowa, s.d.].
- TITO LIVIO. *Storia di Roma dalla sua Fondazione*. Vol. IV (livros VIII-X). Milão: Rizzoli Libri, 1992.

B) Fontes Secundárias

- BARON, Hans. *The Crisis of the Early Italian Renaissance. Civic Humanism and Republican Liberty in an Age of Classicism and Tyranny*. Princeton, New Jersey: Princeton University Presse, 1966.
- _____. *En busca del Humanismo Cívico Florentino. Ensayos sobre em cambio del pensamiento medieval al moderno*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- _____. *From Petrarch to Leonardo Bruni. Studies in Humanistic and Political Literature*. Chicago-Londres: The Noewberry Library, 1968.
- _____. "Leonardo Bruni: 'Professional Rhetorician' or 'Civic Humanist'?", in *Past & Present*, n.º 36 (Apr., 1967), p. 21-37.
- CABRINI, Anna Maria. "Coluccio Salutati e gli Elogi di Firenze fra Tre e Quattrocento", in R. Cardini & P. Viti. *Le Radici Umanistiche dell'Europa: Coluccio Salutati Cancelliere e Politico. Atti del Convegno internazinale del Comitato delle Celebrazione*

-
- del VI Centenario della morte di Coluccio Salutati. Florença: Edizioni Polistampa, 2012.
- CIPRIANI, Giovanni. *Il mito etrusco nel rinascimento fiorentino*. Florença: Leo S. Olschki Editore, 1980.
- FABBRI, Renata. "Per l'Edizione della *Invectiva in Florentinos* di Antonio Loschi." in R. Cardini & P. Viti. *Le Radici Umanistiche dell'Europa: Coluccio Salutati Cancelliere e Politico. Atti del, Convegno Internazionale del Comitato delle Celebração del VI Centenario della morte di Coluccio Salutati*. Florença: Edizioni Polistampa, 2012.
- FLORENZANO, Modesto. "República (na segunda metade do século XVIII – história) e republicanismo (na segunda metade do século XX – historiografia), in *Clio – Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, Lisboa, 14, 2006, p. 33-52.
- _____. "Sobre as origens e o desenvolvimento do Estado moderno no Ocidente", in *Lua Nova – revista de cultura e política*, São Paulo, 71, 2007, p. 11- 39.
- GARIN, Eugenio. *Ciência e vida civil no Renascimento*. São Paulo: Ed. Da UNESP, 1996.
- _____. (org.) *Prosatori latini del Quattrocento*. Milão-Nápoles: Riccardo Ricciardi Editore, 1952.
- MANN, Nicholas. *Petrarca* [organização Gian Carlo Alessio e Luca Carlo Rossi]. Milão: LED, 1993.
- QUAGLIONI, Diego. *Politica e diritto nel Trecento italiano. Il 'De tyranno' di Bartolo da Sassoferrato (1314–1357) con l'edizione critica dei trattati 'De guelphis et gebellinis', 'De regimine civitatis' e 'De tyranno.'* Il pensiero politico. Florença Leo S. Olschki Editore, 1983.
- ROSA, Daniela De. *Coluccio Salutati: il cancelliere e il pensatore politico*. Florença: La Nuova Italia, 1980.
- SEIGEL, Jerrold E. "'Civic Humanism' or Ciceronian Rhetoric? The Culture of Petrarch and Bruni", in *Past & Present*, n.º 34 (jul., 1966), p. 3-48.
- SKINNER, QUENTIN. *As fundações do pensamento político moderno*. [Tradução Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta]. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Machiavelli*. Bolonha: Il Mulino, 1999.
- _____. *Liberdade antes do Liberalismo* [Tradução de Raul Fiker]. São Paulo: Editora Unesp, 1999a
- _____. *Lenguaje, Política e História*. Bernal: Universidade Nacional de Quilmes, 2007.
- ULLMAN, B.L. *The Humanism of Coluccio Salutati*. Padova: Editrice Antenore, 1963.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 15 de julho de 2016.

Aprovado em sistema duplo cego em: 25 de setembro de 2016.